

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**O COLONIALISMO E A PARTILHA DA ÁFRICA:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DAS OBRAS LITERÁRIAS DE
JOSEPH CONRAD E MARIO VARGAS LLOSA**

Cláudio Klippel Borges

Porto Alegre, dezembro de 2013.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**O COLONIALISMO E A PARTILHA DA ÁFRICA:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DAS OBRAS LITERÁRIAS DE
JOSEPH CONRAD E MARIO VARGAS LLOSA**

Cláudio Klippel Borges

**Monografia apresentada junto ao curso de
graduação em História da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial para obtenção do título
de licenciado em História.**

Orientadora: Profª Drª Carla Brandalise

Porto Alegre, dezembro de 2013.

**“O espírito do homem tudo pode – porque
tudo está contido nele, tanto a totalidade
do passado como o futuro inteiro.”**

Coração das trevas
CONRAD, Joseph

**"Until the philosophy which hold one race
superior and another inferior
Is finally and permanently discredited and abandoned
Everywhere is war, me say war."**

war
(Composição: Bob Marley)

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional e assistência para que pudesse estar aqui. Aos meus irmãos Luan e Liryane com os quais sigo compartilhando tudo na vida - bons e maus momentos.

Aos colegas de curso – especialmente aos da “barra-zero-sete” que fizeram desse período de graduação se tornar memorável. Aos amigos que fiz no CHIST – impossível de citar todos os nomes.

Aos moradores da Casa do Estudante da João Pessoa – a CEU dos hermanos repleta de calor humano. Aos amigos que fiz em Porto Alegre desde 2007 que de uma forma ou de outra contribuíram para este trabalho – seja por indicações de leitura, seja nas rodas de conversa nas mesas de bar.

Obrigado aos professores do curso de História, em especial: Anderson Zalewski, José Rivair Macedo, Eduardo Neumman, Benito Shimidt, Cláudia Wasserman, Adriana Dias, Enrique Padrós e Luiz Dario.

Meu sincero agradecimento à Prof^a. Carla Brandalise desde os primeiros passos como monitor e, posteriormente, como bolsista de iniciação científica. Pela paciência e disponibilidade. Por sempre ter me orientado tão atentamente no processo de produção do TCC. Neste caminho sempre preservou minha liberdade na pesquisa. Agradeço também ao companheiro de bolsa de pesquisa Eduardo Brum pelas horas de boas conversas sobre a monografia, política, literatura.

Agradeço a UFRGS, seus funcionários e técnicos administrativos, que continue sendo pública gratuita e de qualidade. E que se torne cada dia mais popular.

Resumo

A partir de textos literários esse trabalho busca compreender como se deu a intervenção europeia no continente africano durante o colonialismo nos fins do século XIX e início do século XX. Através da literatura é possível perceber o movimento de vida num outro tempo, um tempo escoado, vivido e passado. Para isso são analisadas as narrativas literárias escritas por Joseph Conrad, *Coração das trevas* e Mario Vargas Llosa, *O sonho do Celta*. Procura-se compreender de que maneira os escritores se utilizam da história para construir a literatura e de que forma a história aparece representada em suas obras - através das falas, situações e personagens que aparecem nas obras a serem estudadas. Para tanto utilizo os conceitos de imperialismo, colonialismo e cultura apresentados por Edward Said - que examina as maneiras pelas quais os pressupostos imperialistas influenciam a política e a cultura ocidentais, desde romances do século XIX até coberturas jornalísticas dos tempos atuais.

No presente trabalho, valoriza-se um olhar sobre a literatura que não toma o texto pelo texto, nem pretende analisar as tramas e suas resoluções internas. Em realidade, as obras literárias serão consideradas aqui como fontes para análise historiográfica, ou seja, como um caminho para a investigação que permita fazer perguntas sobre a realidade existente para além dos textos, procurando colocar os autores em seus lugares históricos e levando em consideração suas referências culturais a fim de entender a aplicação dos termos analisados no contexto histórico em que foram construídos.

Sumário

Introdução.....	07
Capítulo 1 - Sobre Literatura e História	12
Capítulo 2 - Joseph Conrad e o Coração das Trevas	17
Capítulo 3 - Mario Vargas Llosa e O Sonho do Celta	26
Considerações finais.....	37
Referências bibliográficas.....	40

Introdução

“Tudo quanto não for vida é literatura, a História também,
A História sobretudo, sem querer ofender.”¹

Na segunda metade do século XIX, assiste-se a uma verdadeira e autêntica competição entre as grandes potências europeias. A necessidade de aumentar as fontes de matérias-primas, minerais e agrícolas, em benefício do desenvolvimento industrial dos países europeus, motivou não só a repartição do resto do mundo ainda não colonizado, como também a organização de formas de estados coloniais, visando a uma estruturação econômica e social dos países colonizados que se prestasse a um aproveitamento mais racional dos recursos. A esse fenômeno damos o nome de colonialismo, uma consequência do imperialismo. Trabalharemos aqui com os conceitos de imperialismo e colonialismo – conforme orienta Edward Said² – empregaremos o termo imperialismo para designar a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante, já o colonialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes.

O Colonialismo teve na época da expansão mais avançada do imperialismo, fim do século XIX, formas e conteúdos mais complexos que em qualquer época anterior. No decorrer desse período a África, um continente com cerca de trinta milhões de quilômetros quadrados, se viu retalhada, subjugada e efetivamente ocupada pelas nações industrializadas da Europa. Não há uma dimensão real das consequências desastrosas, quer para o colonizado quer para o colonizador, desse período de guerras contínuas. Para Godfrey Uzoigwe: “O que há de notável nesse período é, do ponto de vista europeu, a rapidez e a facilidade relativa com que, mediante um esforço coordenado, as nações ocidentais ocuparam e submeteram um continente assim tão vasto.”³ - em alguns casos com a ajuda das elites africanas. Questões relacionadas a esse assunto têm gerado engenhosas explicações desde os anos de 1880. Segundo Uzoigwe, nenhuma delas totalmente aceitável. Cabe ao especialista encontrar o fio da meada no fantástico emaranhado de interpretações tão contraditórias.

¹ SARAMAGO, José. História do cerco de Lisboa. São Paulo: Cia das letras, 1990.

² SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 40.

³ UZOIGWE, Godfrey. História geral da África vol. 7 – capítulo 2, p. 21. 2010.

Até 1875 o controle político direto da África pelas potências francesas, inglesa, portuguesa e alemã era muito reduzido. Nenhum estadista, até esse momento, se arriscava numa tentativa de anexação formal, uma vez que, podiam extrair as mesmas vantagens de um controle indireto. Essa conduta começa mudar após três importantes acontecimentos: 1º o interesse que o rei belga Leopoldo II demonstrava pela África – fato que gerou a criação da Associação Internacional Africana e o recrutamento de Henry Morton Stanley, em 1879, para explorar o Congo em nome da associação; 2º as expedições da coroa portuguesa em 1880 – que anexou as propriedades rurais afro-portuguesas de Moçambique (até então quase independentes); 3º o caráter expansionista da política francesa – manifestado pela participação da França junto com o Reino Unido no controle do Egito⁴. Essas ações indicavam claramente o empenho desses agentes para a exploração colonial e a instauração de um controle formal na África. Fato que obrigou Reino Unido e Alemanha a anexar territórios na África em favor de um domínio efetivo. Conforme o historiador Luiz Dario Ribeiro:

“Frente aos tradicionais parceiros nas relações da Europa com o continente africano – Inglaterra, França e Portugal -, que deslocaram os outros da época mercantilista, surgem novos competidores: o rei Leopoldo II, da Bélgica, e empresários alemães”⁵.

Os últimos desejavam estabelecer esferas de influência no litoral dos territórios com projeção para o interior, nas áreas controladas pelas potências tradicionais. Quanto ao rei Leopoldo II, este acabou por construir um império colonial privado na África Central.

Os ingleses reivindicaram os territórios onde já operavam as suas companhias ou onde existiam fortes interesses de empresas comerciais privadas inglesas. Os franceses estenderam seus domínios partindo das zonas costeiras da África ocidental e equatorial. Os alemães conseguem criar um império de menor extensão tanto na África ocidental como na oriental e no hemisfério sul. Foi Otto Von Bismarck, chanceler alemão, que retomou a idéia de uma conferência internacional que permitisse resolver

⁴ Conforme UZOIGWE, Godfrey. História geral da África vol. 7 – capítulo 2.2010.

⁵ RIBEIRO, Luiz Dario. Breve História da África. Porto Alegre: editora leitura XXI, 2007. p. 59.

os conflitos territoriais produzidos pelas atividades dos países europeus na região do Congo. Para Uzoigwe a conferência - realizada entre 15 de novembro de 1884 a 26 de novembro de 1885 – não discutiu a questão relacionada ao tráfico de escravos nem os grandes ideais humanitários que a inspiraram. Foram adotadas resoluções vazias e terminou por distribuir territórios e aprovar resoluções sobre a livre navegação em rios africanos.

A Leopoldo II ficou garantido, na conferência, que as terras nas proximidades da embocadura do rio do Congo fossem divididas entre a associação criada pelo rei belga, França e Portugal. Somados a acordos bilaterais criou-se o Estado Independente do Congo – que apesar do nome, na prática era uma colônia sob a tutela de Leopoldo II. Segundo Igor Castellano da Silva:

“Vencida a batalha entre aos europeus, Leopoldo voltou-se aos africanos certificando a ocupação de seus domínios e estabelecendo um sistema de exploração extensiva dos recursos da região (mormente, marfim e borracha) mediante o trabalho escravo, a brutalidade, a tortura e o massacre dos africanos.”⁶

O irônico é que a escassez de poder da Bélgica foi compensada com a legitimação das pretensões coloniais a partir de uma causa nobre: os direitos humanos. O discurso do rei belga era humanitário, científico e liberal (a libertação dos povos africanos do escravismo, o progresso da ciência e o estabelecimento de redes amplas de livre comércio para todos os países). Conforme Joseph Conrad:

“Eram conquistadores, e para isso basta a força bruta – nada de que alguém possa se vangloriar, pois a sua força não passa de um acidente produzido pela fraqueza dos outros. Eles se apoderavam de tudo o que podiam, sempre que tinham a oportunidade. Era simples roubo, assalto a mão armada, latrocínio numa escala grandiosa, e esses homens o praticavam cegamente – como convém a quem investe contra as trevas. A conquista da terra, que antes de mais nada significa tomá-la dos que têm a pele de outra cor ou o nariz um pouco mais chato que o nosso, nunca é uma coisa bonita quando examinamos bem de perto. Só o que redime a conquista é a ideia. Uma ideia por trás de tudo; não uma impostura sentimental mas uma ideia; e uma crença altruísta na idéia.”⁷

⁶ SILVA, Igor Castellano. Congo – A guerra mundial africana. Porto Alegre: leitura XXI: 2012. p. 75.

⁷ CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Cia das letras: 2003. P. 14

Através da literatura é possível perceber o movimento de vida num outro tempo, um tempo escoado, vivido e passado. Dessa forma, os textos literários são materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo. Nesse sentido, o objetivo geral do presente trabalho é compreender como se deu a intervenção europeia no continente africano durante o colonialismo nos fins do século XIX e início do século XX a partir da literatura. Especificamente, pretende-se fazer um recorte em torno da análise de uma porção da África, o Congo Belga. Para isso, são analisadas as narrativas literárias escritas por Joseph Conrad, “Coração das Trevas” e Mario Vargas Llosa, “O Sonho do Celta”. Autores de tempos e concepções distintos, mas que escrevem sobre o mesmo período histórico. Procura-se compreender de que maneira os escritores se utilizam da história para construir a literatura e de que forma a história aparece representada em suas obras - através das falas, situações e personagens que aparecem nas obras a serem estudadas.

Para Edward Said, Conrad é o precursor das concepções ocidentais do terceiro mundo que encontramos na obra de teóricos do imperialismo como Hannah Arendt e de autores de relatos de viagem, cineastas e polemistas cuja especialidade consiste em apresentar o mundo não europeu aos públicos europeu e norte americano, seja para análise e julgamento, seja para satisfazer seu gosto pelo exótico. Em sua novela “O Coração das Trevas”, Conrad trata de duas questões principais: a colonização da África, no caso o Congo Belga, pelo ambicioso europeu em busca de marfim e a segunda, a natureza (des)humana deste homem que atinge o seu limite quando em contato com as entranhas do mundo, as trevas.

“jovem capitão da marinha mercante britânica chegou a Matadi. Trinta anos, testa ampla, barba muito escura, corpo robusto e olhos fundos, o rapaz se chamava Konrad Korzeniowski e era polonês, naturalizado inglês poucos anos antes. Contratado pela Sociedade Anônima Belga para o Comércio com o Alto Congo, ele vinha comandar um dos barquinhos que levavam e traziam mercadorias e comerciantes entre Leopoldville-Kinshasa e as distantes cataratas de Stanley Falls, em Kisangani. Aquele era o seu primeiro destino como capitão de navio e isso o enchia de sonhos e de projetos. Chegou ao Congo impregnado de todas as fantasias e mitos que Leopoldo II usou para cunhar a sua figura

de grande humanista e monarca decidido a civilizar a África e libertar os congoleses da escravidão, do paganismo e outras barbáries.”⁸

Mario Vargas Llosa – Nobel de literatura de 2010 por sua “cartografia de estruturas do poder e mordazes imagens de resistência rebelião e derrota do indivíduo” - em seu romance histórico, “O sonho do Celta”, se debruçou sobre os diários de Roger Casement - um dos mais importantes críticos do colonialismo europeu do século XIX – e deu forma literária a trajetória de Casement.

Eduard Said servirá como referencial teórico – além do conceito de imperialismo, trabalharei sobre o conceito de cultura – apresentado por ele em sua obra intitulada Cultura e Imperialismo – na qual Said examina as maneiras pelas quais os pressupostos imperialistas influenciam a política e a cultura ocidentais, desde romances do século XIX até coberturas jornalísticas dos tempos atuais.

O acesso às obras selecionadas foi bastante fácil, visto que as duas foram traduzidas de suas línguas de origem (inglês e espanhol respectivamente) para o português, e publicadas e reeditadas no Brasil. A opção por utilizar as obras em português ao invés de lê-las no original se deu por motivos técnicos, isto é, por não ler fluentemente os idiomas originais. De qualquer forma, estou ciente de que a realização das leituras em língua portuguesa não ignora a possível ocorrência de algum filtro na tradução dos originais.

Assim, inicio meu trabalho com um brevíssimo capítulo chamado “Sobre Literatura e História” - onde introduzo a discussão teórica a respeito das relações entre História e Literatura em suas semelhanças e peculiaridades. No segundo capítulo - intitulado Joseph Conrad e o “Coração das trevas” - discorro sobre a experiência do autor na colonização da África e como ela influenciou na escrita do seu romance. Na segunda parte analiso sua obra em busca dos vestígios deixados pelo autor a respeito da colonização africana e do imperialismo britânico. No terceiro capítulo – Mario Vargas Llosa e “O Sonho do celta” percorro o caminho de construção do romance de Llosa e de que forma ele se apropriou da história para a construção de um texto ficcional.

⁸ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 63.

Capítulo 1 – Sobre Literatura e História

Através da Literatura é possível perceber o movimento da vida num outro tempo, um tempo escoado, vivido, passado¹. Dessa forma, os textos literários são materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo.

Conforme a historiadora Sandra Pesavento, os textos literários indícios de sentimentos, das emoções, da maneira de falar, dos códigos de conduta partilhados, da gestualidade e das ações sociais de um outro tempo. Em alguns casos, esses textos se fazem valer do resgate da narrativa histórica, em outras palavras, cabe ao escritor se apropriar dessa narrativa para recompor o passado e construir a narrativa literária – o romance.

Segundo Carla Gomes, a literatura é uma categoria muito abrangente, e pode ser utilizada para referir narrativas de ficção e não-ficção, além de um conjunto de obras de uma memória do conhecimento produzido nas várias atividades humanas em determinado período.²

Narrar, contar, escrever, descrever, interpretar, reinterpretar, construir, reconstruir – ações que História e Literatura compartilham. Roger Chartier afirma que escrever história, por mais quantitativa ou estrutural que ela seja, é escrever narrativas. Mesmo que a história factual tenha sido repudiada, ela permanece uma narrativa. As categorias fundamentais da narrativa estão presentes tanto na Literatura como na História: temporalidade, causalidade e personagens³.

Neste trabalho vamos atribuir a ficção à literatura e a não-ficção para aquilo que é considerada a narrativa histórica. Há diferenças, Llosa – escritor e crítico literário adverte: “a diferença entre uma ficção e um livro de história se trata do quanto se

¹ GOMES, Carla Renata Antunes de souza. De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso um processo de representação regional na literatura do séc. XIX. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História UFRGS, Porto Alegre: 2006

² *ibid.* p. 20.

³ CHARTIER, Roger. A Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002 p. 14

aproxima com o real: a noção de verdade ou mentira funciona de maneira distinta em cada caso.”⁴

Literatura e História são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo. A literatura é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas⁵. O historiador narra, mas não cria personagens nem fatos. Ele reúne dados, seleciona, estabelece conexões e cruzamentos entre eles – sempre visando oferecer uma visão o mais possível aproximada do real acontecido.

Conforme Daniela Soares:

“a História se distingue da Literatura em um ponto principal: o contato do historiador com as fontes históricas é indispensável, e ele deve utilizar técnicas e métodos para retirar do documento o que ele precisa para acessar o passado. Esses critérios validam o discurso histórico como explicação da realidade passada, objeto da História”⁶.

Ao romancista, não há uma preocupação com a verdade. A verdade de um romance depende de sua própria capacidade de persuasão, da forma comunicativa de sua fantasia, da habilidade de sua magia.⁷ Dizer a verdade para um romancista significa fazer o leitor viver uma ilusão:

“E se finalmente o Almirantado alemão tiver decidido atacar a Grã-Bretanha a partir do litoral da Irlanda? E se a sonhada invasão ocorreu e neste mesmo momento os canhões do Kaiser estavam vingando os patriotas irlandeses fuzilados pelos ingleses no Levante da Semana Santa? Se a guerra tinha tomado esse rumo, os seus planos estavam se realizando, apesar de tudo.”⁸

O excerto acima – faz menção a ações que jamais aconteceram na história. São pensamentos de Roger Casement – personagem principal do romance de Llosa – que se encontra preso em Londres por alta traição ao império britânico. O personagem

⁴ LLOSA, Mário Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: Ed. ARX, 2003. p. 10.

⁵ PESAVENTO, Sandra. História e literatura: uma velha-nova história. 2006 publicado em <http://nuevomundo.revues.org>

⁶ SOARES, Daniela. Anarquistas na Guerra civil espanhola: uma abordagem a partir das obras literárias de Ernest Hemingway e André Malraux. Monografia de conclusão de curso – história UFRGS. 2010. p. 21

⁷ LLOSA, Mário Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: Ed. ARX, 2003. p. 10

⁸ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 63.

alimenta a esperança de que durante a primeira guerra a Alemanha através do litoral irlandês invada a Inglaterra e dessa forma possa ser proclamada a independência irlandesa. Segundo o próprio autor: os romances mentem – não podem fazer outra coisa – entretanto essa é só uma parte da história. A outra, é que mentindo, expressam uma curiosa verdade, que só pode expressar-se dissimulada e encoberta, disfarçada do que não é.⁹ Conforme Marisa Lajolo, na Literatura os personagens e os enredos são apresentados como aquilo que poderia ter sido¹⁰. Cabe salientar que tal observação não anula o uso da Literatura como fonte histórica, pelo contrário, alertam para os limites e cuidados que a envolve. A verdade ficcional não pode ser comparada com a verdade histórica, por possuírem metodologias diferentes. Llosa afirma que: “a verdade literária é uma e a verdade histórica outra. Porém, ainda que repleta de mentiras – a literatura conta a história que a história que escrevem os historiadores não pode contar.”¹¹

O romance pode ser tomado como objeto da análise histórica neste caso ele nos conte mais sobre o tempo em que foi escrito do que nos informa sobre o tempo da narrativa. Conforme a historiadora Renata Dall Sasso Freitas: “é por sua aproximação com a literatura é que a questão da narrativa na escrita da história sempre foi um tanto controversa e muito debatida”¹². A narrativa literária proporciona à História um depoimento indireto sobre os sentimentos, emoções, jeitos de falar e pensar o mundo, códigos de conduta, ações sociais e sensibilidades de outro tempo. Do tempo em que fora escrita. Elas guardam em si aquilo que seu autor carregava consigo. Sua bagagem cultural diz respeito a sua vida em determinada época e lugar. “História e Literatura, conforme suas especificidades atuam como práticas socioculturais que configuram e constituem a compreensão humana do mundo”¹³.

O romance é uma forma cultural de enorme importância para a formação das atitudes, referências e experiências culturais. As histórias estão no cerne daquilo que

⁹ LLOSA, Mário Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: Ed. ARX, 2003. p. 6.

¹⁰ LAJOLO, Marisa. O que é Literatura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 45.

¹¹ LLOSA, Mário Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: Ed. ARX, 2003. p. 6.

¹² FREITAS, Renata Dall Sasso. Páginas do novo mundo: um estudo comparativo entre a ficção de José de Alencar e James Fenimore Cooper na formação dos estados nacionais brasileiro e norte-americano no século XIX. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História UFRGS. Porto Alegre, 2008. p. 26

¹³ GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso um processo de representação regional na literatura do séc. XIX. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História UFRGS, Porto Alegre: 2006. P. 23

dizem os exploradores e os romancistas a cerca das regiões estranhas do mundo elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles.¹⁴

Ivânia Aquino, uma estudiosa da área adverte:

“O gênero literário romance é bem recente, se pensarmos que se faz literatura desde Homero e de Safo. Contudo, foi somente no final do século XVIII que o termo se consagrou, segundo Ian Watt (1990). Desde que surgiu, afirma o autor, o romance trouxe como característica essencial o realismo, o qual se revela na maneira como representa determinada experiência humana, não no tipo de experiência representada.”¹⁵

O romance, segundo Aquino, constitui um relato completo e autêntico da experiência humana dessa forma tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias.

Joseph Conrad viveu e participou do imperialismo e colonialismo da África. Vargas Llosa reconstrói a trajetória do irlandês Roger Casement. Tanto o personagem histórico de Llosa quanto o escritor Conrad estiveram a serviço do império britânico e conheceram a violência da colonização na África no século XX. Conrad e Casement foram testemunhas e deixaram seus testemunhos. O primeiro através do texto literário, através da ficção; o segundo através de relatórios e diários, que mais tarde tomaram forma de romance sob o olhar de Vargas Llosa. Os crimes cometidos pelo rei belga Leopoldo II em território africano, podem ser percebidos na obra de Conrad e Llosa pelo uso da linguagem na Literatura e através das diversas maneiras de percepção e diferenças que os autores oferecem, seja pelas situações sociais em que são apresentados, ou mesmo nos modos em que são nomeados e distinguidos.

No presente trabalho, valoriza-se um olhar sobre a literatura que não toma o texto pelo texto, nem pretende analisar as tramas e suas resoluções internas. Em realidade, as obras literárias serão consideradas aqui como fontes para análise historiográfica, ou seja, como um caminho para a investigação que permita fazer

¹⁴ SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 27

¹⁵ AQUINO, Ivânia Campigotto. A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense. Passo Fundo: Ed. UPF. 2007. p 33.

perguntas sobre a realidade existente para além dos textos, procurando colocar os autores em seus lugares históricos e levando em consideração suas referências culturais a fim de entender a aplicação dos termos analisados no contexto histórico em que foram construídos:

“Nada, mais que bons romances, ensina a ver nas diferenças étnicas e culturais a riqueza do patrimônio humano, e a valorizá-las como uma manifestação de sua múltipla criatividade. Ler boa literatura é divertir-se, com certeza; mas também aprender, dessa maneira direta e intensa que é a da experiência vivida através das obras de ficção, o que somos e como somos em nossa integridade humana, com nossos atos, os nossos sonhos e os nossos fantasmas, a nós e na urdidura das relações que nos ligam aos outros, em nossa presença pública e no segredo de nossa consciência, essa soma extremamente complexa de verdades contraditórias”¹⁶

Nesse sentido, parte-se da premissa de que os textos possuem significados situados historicamente. Sua valoração histórica depende das leituras que foram, são e serão feitas dele. São elas, as leituras, que atribuem o sentido ao texto.

Portanto, as narrativas ficcionais precisam ser analisadas com rigor historiográfico e devem ser entendidas como registros que representam maneiras de perceber o mundo e a sociedade, que são datados, e que, pertencem a seus autores, agem na sociedade e na percepção de seus leitores. Essas narrativas constituem, portanto, construções de seus autores sobre sua época.

¹⁶ LLOSA, Mario Vargas. Em defesa do romance. Artigo publicado na revista Piauí, outubro de 2009.

Capítulo II – Joseph Conrad e “O coração das trevas”

“(Conrad) Contratado pela Sociedade Anônima Belga para o Comércio com o Alto Congo, ele vinha comandar um dos barquinhos que levavam e traziam mercadorias e comerciantes entre Leopoldville-Kinshasa e as distantes cataratas de Stanley Falls, em Kisangani. Aquele era o seu primeiro destino como capitão de navio e isso o enchia de sonhos e de projetos. Chegou ao Congo impregnado de todas as fantasias e mitos que Leopoldo II usou para cunhar a sua figura de grande humanista e monarca decidido a civilizar a África e libertar os congolezes da escravidão, do paganismo e outras barbáries.”¹

Konrad Nalecz Korzeniowski era filho de poloneses. Ficou órfão aos onze anos. Seu tio materno Thaddeus Bobrowski tomou conta do sobrinho e foi seu mentor e responsável durante os 25 anos seguintes. Thaddeus queria que Joseph seguisse carreira universitária, mas em 1874, quando o rapaz tinha dezesseis anos, finalmente cedeu e concordou em deixá-lo seguir seu antigo desejo de viver no mar. Joseph trabalhou em navios da marinha mercante francesa até juntar-se, em 1878, a um navio britânico, como aprendiz. Ficaria na marinha por quase vinte anos, visitando os mais variados lugares da Ásia, da África, da América e da Europa – experiência que seria definidora da literatura do autor, além de fornecer vasto material para suas histórias. Em 1886, obteve a cidadania britânica². Oito anos depois, em 1894, ele abandonou o mar e uma carreira na marinha para se dedicar à literatura.

“Não. Não que eu goste do trabalho. Prefiro me entregar a preguiça e ficar só pensando em todas as coisas que podem ser feitas. Não gosto do trabalho – ninguém gosta – mas gosto do que o trabalho proporciona – a oportunidade de se encontrar. A sua própria realidade – para você, não para os outros – que nenhum homem jamais terá como conhecer. Os outros só enxergam a mera aparência, e jamais sabem o que a pessoa de fato sente.”³

Seu primeiro livro, *Almayer's folly* (A loucura de Almayer), cuja redação fora iniciada em 1889, foi publicado em 1895, quando o autor contava já 38 anos.

¹ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 63.

²

http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaolD=948848&SubsecaolD=0&Templat e=../livros/layout_autor.asp&AutorID=906250 – acessado em 16/07/2013

³ CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Cia das letras: 2003. p. 48

Entretanto levaria cerca de quinze anos para que a carreira literária de Conrad decolasse.

Conforme o catalogo de escritores da editora LPM⁴, Joseph Conrad escreveu, ao todo, vinte e quatro romances, entre as quais se destaca *The heart of the darkness* (O coração das trevas) de 1902. Teve ainda uma vasta produção de ensaios e memórias e textos sobre a própria obra. Muitos de seus escritos foram primeiramente publicados em formato de folhetim em periódicos como *Blackwood's Edinburgh Magazine*, seguindo uma prática comum na época. Conrad é hoje considerado um dos grandes autores da língua inglesa – que ele aprendeu depois de adulto, apesar de ter com ela tido os primeiros contatos ainda quando criança, ao ver seu pai traduzir Shakespeare, entre outros autores.

Seus textos ficcionais têm em comum o tema do conflito do homem contra o próprio homem, dos limites da natureza humana e do confronto do homem frente à natureza selvagem. Seus romances, contos e novelas são povoados por personagens em situações extremas, isolados da sociedade, muitas vezes em crise com a própria identidade e com a condição de ser humano.

“O vapor avançava a custo, bem devagar, ao longo das bordas de um frenesi negro e incompreensível. O homem pré histórico nos amaldiçoava, rezava para nós, dava-nos as boas vindas – quem saberia dizer? A compreensão do que nos cercava fugia do nosso alcance; avançávamos deslizando como fantasmas, admirados e intimamente assustados a reação de qualquer homem sensato diante de uma irrupção exaltada entre os pacientes de um hospício. Não tínhamos como compreender porque havíamos ido longe demais, e não tínhamos como recordar porque atravessávamos a noite das primeiras eras, as eras que não nos deixavam sinal algum – e nenhuma memória.”⁵

Durante seis meses, entre fins de 1890 e início de 1891, Conrad viveu na África Central, onde capitaneou um vapor com roda de pás no rio Congo. Tinha 32 anos e estava a serviço da *Société Anonyme Belge pour Le Commerce Du Haut Congo*. Essa experiência lhe rendeu a produção da novela intitulada “Coração das trevas” (*The heart of darkness*) escrita em poucas semanas e publicada em três partes na revista britânica *Blackwood's Magazine*, em 1899, e reeditada em 1902. A novela apresenta-

4

http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=906250 – acessado em 16/07/2013

⁵ CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Cia das letras: 2003. p. 58.

se como uma das obras mais reeditadas e estudadas do século XX. Além disso, tem originado múltiplos desdobramentos teóricos e artísticos.

Joseph Conrad explora a sua atualidade para escrever o *Coração das Trevas*. Conforme estudos linguísticos a obra é uma crítica ao imperialismo. Outros estudiosos a classificam como uma representação racista dos africanos⁶. A maior parte da história se passa em território do antigo Congo, e acontece no período da colonização belga revelando os primeiros contatos do homem europeu com o continente e povo africano. Embora em parte alguma do romance é mencionada que a aventura do personagem Marlow tenha ocorrido em território do Estado Independente do Congo, pesquisas de cunho histórico, identificam semelhanças entre a história narrada e os relatos da viagem que Conrad fez a então Colônia Belga anos antes de escrever o romance⁷.

Marlow – o narrador em primeira pessoa de Conrad – é a voz direta do escritor. A personagem trata de um experiente marinheiro que obteve um cargo na África Central como comandante de um barco a vapor. Ele parte em busca de Kurtz – um agente colonizador e coletor de marfim. Desde o início da jornada em terras africanas, o retrato pintado pelo protagonista é monocromático: a escuridão é predominante. As trevas dominam não só o cenário, mas também os rostos e as almas. Para o romancista e crítico literário Chinua Achebe o romance em questão representa a África e os africanos de forma negativa – tendo em vista que, “O coração das trevas” projeta a imagem da África como o outro mundo, antítese da Europa. Uma análise linguística do romance revela a exclusão do povo local, representado sem individualidade, que, como um amontoado de seres, são colocados em segundo plano, passando a fazer parte do cenário para o desenrolar da história contada em primeira pessoa por Marlow, um marinheiro que esteve no Congo em busca do desconhecido.

“– ali podíamos ver a monstrosidade à solta. Não era uma coisa deste mundo, e os homens... Não, não eram desumanos. Bem, vocês sabem, era isso o pior de tudo – essa desconfiança de que não fossem desumanos. Era uma idéia que nos ocorria aos poucos. Eles berravam saltavam, rodopiavam e faziam caretas horríveis; mas o que mais impressionava era a simples idéia de

⁶ Roberto Carlos de ASSIS Célia Maria MAGALHÃES. *África e os africanos em O coração das trevas*. Artigo acessado em 22/07/2013 hospedado em

http://www4.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/19sd_assis_404a427.pdf

⁷ ACHEBE, Chinua. *An image of Africa: racism in Conrad's Heart of darkness*. 1976

que eram dotados de uma humanidade – como a nossa – a idéia de nosso parentesco remoto com toda aquela comoção selvagem e passional.”⁸

A partir da análise feita por Roberto de Assis e Célia Magalhães - os africanos raramente são individualizados, sendo frequentemente assimilados e apresentados em grupos ou bandos, utilizando termos que os qualificam. Em contra partida podemos constatar também que os europeus foram nomeados - Kurtz, Marlow, Fresleven, entre outros - ou funcionalizados através de cargos/ profissões que exercem como o médico, o fabricante de tijolos, o gerente, o agente, entre outros. Tal identificação faz com que percebamos os europeus como indivíduos, cada um com vida própria, trazendo-os para primeiro plano.

Em Cultura e Imperialismo, Edward Said atenta para que:

“O romance é uma forma cultural de enorme importância para a formação das atitudes, referências e experiências culturais. As histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas a cerca das regiões estranhas do mundo elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles.”⁹

No quinto capítulo de O Sonho do Celta (romance de Vargas Llosa que analisaremos no capítulo seguinte), ambientado dentro do locutório da Pentonville Prision – Llosa desenvolve um diálogo entre as personagens de Casement e sua amiga historiadora Alice Stopford Green a cerca do livro O coração das Trevas. Para Llosa, Conrad jamais poderia ter escrito essa história sem os seis meses que passou no Congo devastado pela Companhia de Leopoldo II. Neste caso a experiência vivida foi a matéria prima do romance:

“- Você leu O coração das trevas? - perguntou Roger a Alice. - Acha que é correta essa visão do ser humano?
- Suponho que não - respondeu a historiadora. - Nós discutimos muito o livro numa terça-feira, quando saiu. Esse romance é uma parábola segundo a qual a África transforma os civilizados europeus que vão para lá em bárbaros.”¹⁰

⁸ CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Cia das letras: 2003. p. 59.

⁹ SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1993. P. 43.

¹⁰ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 67.

Casement personagem histórico do romance de Llosa conheceu Conrad em junho de 1890 no Congo:

“ele ainda não era escritor. Mas disse (...) que tinha começado a escrever um romance. *A loucura de Almayer*, na certa, o primeiro que publicou. (...) Até então não tinha publicado nada. Era um marinheiro. Quase não entendia seu inglês, de tão forte que era o polonês.”¹¹

Conforme o romance de Llosa – Conrad conheceu Casement quando partia rumo a Leopoldville-Kinshasa onde ia assumir o comando do barco *Le Roi des Belges*. Casement e Conrad conviveram por cerca de duas semanas – tempo suficiente para o irlandês passar informes detalhados sobre os horrores que aconteciam ali. Horrores causados pelo regime imposto por Leopoldo II, o qual o historiador Adam Hochschild defende que deveria figurar, junto a Hitler e a Stalin, como um dos criminosos políticos mais sanguinários do século XX. Joseph Conrad “chegou ao Congo impregnado de todas as fantasias e mitos que Leopoldo II usou para cunhar a sua figura de grande humanista e monarca decidido a civilizar a África e libertar os congoleses da escravidão, do paganismo e outras barbáries.”¹²

Quando Conrad pisou no coração do continente africano, Roger Casement já estava lá há seis anos. Com poucos dias de amizade, o marujo polonês já tinha uma ideia muito diferente do lugar onde ia trabalhar. Ao partir para a expedição no sábado, dia 28 de junho Conrad havia dito ao irlandês: "Você me desvirginou, Casement. Em relação a Leopoldo II, em relação ao Estado Independente do Congo. Quem sabe, em relação à vida." E repetiu, com dramaticidade: "Desvirginou."¹³

Na literatura do imperialismo a presença do navio é constante e é ele quem transforma o inglês em senhor do mundo.¹⁴ Segundo Edward Said uma das realizações do imperialismo foi a de aproximar o mundo.¹⁵ Aqui o romance também pode ser tomado como objeto da análise histórica, neste caso, ele nos emite elementos sobre o tempo em que foi escrito mais até do que nos informa sobre o tempo da narrativa:

¹¹ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 63.

¹² LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 63.

¹³ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 69.

¹⁴ DECCA, Edgard de. Literatura modernidade e história: o olhar estrangeiro sobre o mundo colonial. In: LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). Discurso histórico e narrativa literária. Campinas: editora da UNICAMP, 1998. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010.

¹⁵ SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

“Conrad tem tamanha consciência de estar situando o conto de Marlow num contexto narrativo que nos faz compreender, afinal, que o imperialismo, longe de devorar a sua própria história, estava ocorrendo dentro de uma história maior. (...) Provavelmente Conrad nunca poderia usar Marlow para apresentar seja o que for além de uma visão de mundo imperialista, pois nada havia de não-europeu acessível aos olhos, fosse de Conrad fosse de Marlow.”¹⁶

Entre a viagem de Conrad em 1890, e a publicação de *Coração das trevas* em 1899, a percepção geral sobre a colonização começava a se alterar. As denúncias de militantes comprometiam as ações de Leopoldo II na África central – podemos destacar além de Roger Casement – o jornalista e escritor socialista inglês E. Morel. Ambos amigos do escritor. Conrad conseguiu registrar diferenças de atitudes coloniais entre belgas e britânicos, entretanto ele só conseguia imaginar o mundo segundo Said: embutido numa ou noutra esfera de domínio ocidental¹⁷. A independência era coisa de brancos e europeus; os povos subjugados ou inferiores eram para ser dominados: a ciência, a erudição, a história vinham do ocidente:

“ 'Ele é um prodígio', disse afinal. 'É um emissário da caridade, da ciência, do progresso, e sabe o diabo do que mais. Para conduzir a causa', começou a declamar de repente, ' que a Europa nos confiou, por assim dizer, precisamos de uma inteligência superior, tocada por uma compaixão de grande alcance, guiada por um único propósito.' ”¹⁸

O *Coração das trevas* é um romance profundamente alegórico¹⁹. Nele a grande cidade é metaforizada no território africano, em que o homem branco civilizado livre de todas as convenções, carregado com os ideais de progresso, expande seu poder, levando tudo o que rodeia à destruição e à barbárie. Conrad dizia que, no Congo, a corrupção moral do ser humano vinha à superfície. O relato do marinheiro contratado por uma companhia comercial para subir um rio na África em busca de um comerciante. Marlow em seu barco subindo o rio, presenciando as iniquidades da

¹⁶ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. P. 57.

¹⁷ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. P. 57.

¹⁸ CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. São Paulo: Cia das letras: 2003. p. 43.

¹⁹ DECCA, Edgard de. *Literatura modernidade e história: o olhar estrangeiro sobre o mundo colonial*. In: LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: editora da UNICAMP, 1998. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010.

expansão colonial, enquanto seguia pelo trecho não navegável do rio, pela estrada de ferro, narra a truculência do trabalho forçado na ferrovia, contruída por filas de negros acorrentados com “uma coleira de ferro no pescoço”. A viagem ao encontro do explorador perdido é, de certa forma uma viagem ao encontro do homem moderno com seus ideais de expansão e progresso. Ao tentar encontrar Kurtz, Marlow acaba encontrando o vazio e a solidão de si mesmo:

“Para mim ele era apenas uma palavra. Eu não conseguia ver o homem no nome, como vocês tão pouco devem poder ver. Será que conseguem vê-lo? Será que entendem a história? Será que conseguem ver alguma coisa? A mim, parece que estou tentando contar-lhes um sonho – em vão, porque nenhum relato de sonho sabe transmitir a sensação do sonho, aquela amálgama de absurdo, aquela impressão de ter sido capturado pelo inacreditável que é a própria essência dos sonhos...”²⁰

Kurtz, teoricamente o personagem principal da história²¹, é o agente que Marlow precisa encontrar. E, durante a travessia, Marlow vai recolhendo versões de Kurtz - que vai se tornando um mistério, um ser oculto, caracterizado pela ausência mais do que pela presença. Trata-se de um mito que, nas palavras de Vargas Llosa:

“era um homem de ideias – um jornalista, um poeta, um músico, um político – convencido, a julgar pelo informe que redigiu à Sociedade para a Eliminação dos costumes Selvagens, de que, fazendo o que fazia – recolhendo o marfim para exportá-lo para a Europa -, o capitalismo europeu cumpria uma missão civilizadora, uma espécie de cruzada comercial e moral de uma só vez, de tanta significação que justificava, inclusive, as piores violências cometidas em seu nome.”²²

Conrad quer mostrar que a grande aventura de pilhagem de Kurtz, a viagem de Marlow subindo o rio e a própria narrativa partilham do mesmo tema: europeus executando ações de domínio imperial na (e sobre a) África²³. Dario Ribeiro classifica esse domínio imperial como uma forma de dominação ideológica²⁴, uma vez que durante a conquista se transferia a soberania do território conquistado para a metrópole e seus agentes – característica do sistema de dominação colonial. A

²⁰ CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Cia das letras: 2003. p. 46.

²¹ LLOSA, Mário Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: Ed. ARX, 2003.

²² LLOSA, Mário Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: Ed. ARX, 2003. p 39.

²³ SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1993. P. 56.

²⁴ RIBEIRO, Luiz Dario. Breve História da África. Porto Alegre: editora leitura XXI, 2007. p. 59.

característica política básica do imperialismo era o uso de meios de domínio e controle formais e diretos exercidos pela e em nome da metrópole. Os africanos passaram a ser objetos de administração e foram submetidos a leis, regulamentos e normas ditadas pela metrópole:

“Vejam bem, nenhum de nós se sentiria exatamente assim. A nós, o que salva é a eficiência – a devoção à eficiência. Mas esses sujeitos, no fim das contas, não eram gente de muito preparo. Não eram colonos. A administração que exerciam, acho eu, era pura extorsão e nada mais. Eram conquistadores, e para isso basta a força bruta – nada de que alguém possa se vangloriar, pois a sua força não passa de um acidente produzido pela fraqueza dos outros. Eles se apoderavam de tudo o que podiam, sempre que tinham a oportunidade. Era simples roubo, assalto a mão armada, latrocínio numa escala grandiosa, e esses homens o praticavam cegamente – como convém a quem investe contra as trevas.”²⁵

Ao final do romance no momento em que o personagem Kurtz finalmente aparece, quando o vemos em carne e osso – ele é apenas uma sombra de si mesmo. Um moribundo enlouquecido e delirante muito distante do projeto ambicioso de que se faz menções sobre o início de sua aventura no coração do continente africano²⁶. Através do romance os únicos fatos que temos dele é que, primeiro, saqueou mais marfim para a companhia do que qualquer outro explorador. Segundo, conseguiu se comunicar com os nativos, e, de certo modo converte-se num deles:

“A questão era que se tratava de uma criatura de muitos dons e que, dentre todos eles, o mais preeminente, que trazia uma sensação de autentica presença, eram as suas palavras, a sua aptidão para falar – o dom da expressão, a fonte fascinante, inspiradora, mais exaltada e mais desprezível, o jorro palpitante de luz ou a torrente enganosa que brotava no coração das trevas impenetráveis”.²⁷

Quanto a Marlow, ele retorna a cidade, a civilização. Transformado e, ao acentuar a discrepância entre a “ideia” oficial do império e a realidade

²⁵ CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Cia das letras: 2003. p. 14.

²⁶ LLOSA, Mário Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: Ed. ARX, 2003.

²⁷ CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Cia das letras: 2003. p. 76.

tremendamente desconcertante da África o narrador abala a noção do leitor sobre a própria ideia do império, sobre algo ainda mais básico, a própria realidade²⁸.

A experiência africana muda a personalidade de Marlow, como mudou a de Conrad: “Vi-me de volta na cidade sepulcral, ressentido com as pessoas que andavam apressadas pelas ruas empenhadas em conseguir surrupiar algum dinheiro umas das outras, devorar a sua comida infame, engolir sua cerveja insalubre, sonhar os seus sonhos ridículos e insignificantes. Invadiam os meus pensamentos. Eram intrusos cujo conhecimento da vida me parecia uma irritante impostura, tão certo que eu estava de que não tinham como saber as coisas que eu sabia.”²⁹

Conrad teria dito após a experiência africana que: “O pior não foi a selva, este clima insalubre ou as febres que me deixaram duas semanas semi-inconsciente - reclamou o polonês. - Nem a disenteria horrorosa que me fez cagar sangue cinco dias seguidos. O pior foi ser testemunha das coisas horríveis que acontecem diariamente neste maldito país. Cometidas pelos demônios negros e pelos demônios brancos, para onde quer que a gente vire os olhos.”³⁰

²⁸ SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

²⁹ CONRAD, Joseph. O coração das trevas. São Paulo: Cia das letras: 2003. p. 112.

³⁰ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 66.

Capítulo III - Mario Vargas Llosa e “O sonho do celta”

Aos 77 anos Mario Vargas Llosa é responsável por um punhado de clássicos da literatura latino americana. Conforme o site oficial do autor¹ - na infância estudou as séries iniciais em Cochabamba na Bolívia. Em 1945 sua família volta ao Peru e se instala na cidade de Piura – onde termina os estudos primários e secundários. Quando adolescente ingressa no colégio militar Leoncio Prado de Lima. Em 1953 ingressa na Universidade Nacional Mayor de São Marcos – onde estuda Letras e Direito. Tem um relacionamento conturbado com seu pai, sobretudo quando decidiu casar-se com sua tia Julia Urquidi.

Em 1959 inicia o doutorado na Universidade Complutense de Madrid – após obter o título de doutor em filosofia e letras, se muda para Paris. Na cidade luz leciona língua espanhola na escola Berlitz enquanto se esforça para levar adiante sua vocação literária. Em 1959 é premiado por um conjunto de seus contos publicado no livro chamado “Los Jefes”. Anteriormente já havia escrito uma peça de teatro intitulada “O voo do Inca”.

Na década de 60, Llosa retorna ao Peru – e faz duas viagens a Amazônia - onde ele reúne material sobre a selva e seus habitantes. Se casa com Patrícia Llosa em 1965 – e dessa união nascem seus três filhos: Álvaro (1966), Gonzalo (1967) y Morgana (1974). Em 1967, junto com Júlio Cortazar, passa trabalhar como tradutor da UNESCO, passando a viver na Europa, residindo alternadamente entre Paris, Londres e Barcelona.

Nos anos oitenta – a pedido do presidente peruano Fernando Belaunde Terry - Llosa preside a Comissão de Inquérito sobre o caso Uchuraccay – que investiga o assassinato de oito jornalistas. Passa a se configurar um líder político, responsável pelo movimento Liberdade – que se opõe à nacionalização dos bancos proposta pelo então presidente Alan Garcia Perez.

Em 1990 Llosa concorre às eleições presidenciais do Peru – sendo derrotado por Alberto Fujimori. Regressa a Londres e retoma sua atividade literária. Em março de 1993 o escritor obtém a nacionalidade espanhola.

¹ <http://www.mvargasllosa.com/menubn.htm> acessado em 20/07/2013.

Sua produção literária iniciada em 1952 hoje conta com 18 romances, 14 ensaios e 8 peças de teatro. Ao longo de sua carreira, Mario Vargas Llosa recebeu inúmeros prêmios e condecorações.

Conforme João Batista Cardoso:

“A relação entre a vida de Mario Vargas Llosa e sua obra é patente, como o é também sua angústia em face das contradições da realidade a sua volta. Acresce a isso o fato de que sofreu a privação da convivência familiar, devido a separação de seus pais, fato que é em si mais agressivo e devastador à natureza juvenil que uma fatalidade, pois é mais difícil de compreender e aceitar.”²

Na atualidade Llosa é colaborador do jornal diário El país de Madrid e da revista cultural mensal Letras Libres. Em 7 de outubro de 2010 foi agraciado com o Prêmio Nobel da Literatura pela Academia Sueca de Ciências "por sua cartografia de estruturas de poder e suas imagens vigorosas sobre a resistência, revolta e derrota individual".

Caracterizado pela crítica literária como “um escritor incansável, obsessivo nos detalhes”, Llosa faz uso de personagens históricos para construir seu romance. Segundo ele, “a História tem sido sempre para mim a matéria-prima para fantasiar, para tentar contar uma ficção a partir dela”³. A fórmula já foi utilizada em livros anteriores como *A Guerra do Fim do Mundo*, sobre a Guerra de Canudos, e *A Festa do Bode*, que trata da ditadura de Rafael Trujillo na República Dominicana, entre os anos de 1930 e 1961.

Em “O sonho do celta”, Vargas Llosa reconstrói através da literatura a trajetória do irlandês Roger Casement, transformado de herói a vilão no início do século XX. Personagem pouco conhecida, mesmo na Europa. Casement foi um dos primeiros europeus a denunciar os horrores do colonialismo naquela época. Das viagens que fez ao Congo Belga e a Amazonia Peruana escreveu relatórios e diários que comoveram a sociedade letrada de seu tempo, por revelar as ações bárbaras que praticavam os civilizados europeus em terras distantes.

Diferente de “O coração das trevas”, a narrativa de Llosa acontece em terceira pessoa. “O sonho do Celta” está dividido em três partes: Congo, Amazônia e Irlanda, mais um pequeno epílogo. O escritor alterna dois planos narrativos - nos capítulos

² CARDOSO, João Batista. Um mapa da história sobre o mapa da ficção. UCG, 2009. p. 65.

³ CARDOSO, João Batista. Um mapa da história sobre o mapa da ficção. UCG, 2009. p. 65.

ímpares, Casement está na prisão aguardando o resultado de sua apelação pela conversão da pena de morte em prisão perpétua. Nesses capítulos é possível conhecer o cônsul irlandês. O narrador às vezes dá a impressão de que é o próprio personagem a contar sua angústia no cárcere. É como se ele fizesse um exame de consciência e buscasse compreender suas opções passadas.

“Só via um quadradinho minúsculo de céu cinzento e pensava no grande paradoxo: ele tinha sido julgado e condenado por trazer armas para uma tentativa de secessão violenta da Irlanda mas, na realidade, empreendeu a arriscada, talvez absurda, viagem da Alemanha até as costas de Tralee para tentar evitar esse Levante que, desde que soube que estava sendo preparado, tinha certeza de que fracassaria. Seria assim a história? Aquela que aprendia no colégio? A história escrita pelos historiadores? Uma construção mais ou menos idílica, racional e coerente do que na realidade nua e crua foi uma caótica e arbitrária mistura de planos, acasos, intrigas, fatos fortuitos, coincidências, interesses múltiplos que haviam provocado mudanças, transtornos, avanços e retrocessos, sempre inesperados e surpreendentes em relação ao que foi antecipado ou vivido pelos protagonistas. - É provável que eu entre para a História como um dos responsáveis pelo Levante da Semana Santa – disse, com ironia.”⁴

Nos capítulos pares, o autor apresenta Casement desempenhando seu trabalho como cônsul e seu envolvimento na luta pela independência da Irlanda. São impressionantes as descrições de barbaridades cometidas pelos exploradores no Congo e no Peru, entretanto em alguns momentos é como se a figura do cônsul ficasse em segundo plano. A última parte dedicada à Irlanda parece excessiva, já que nos capítulos em que Casement está na prisão há informação suficiente sobre seu envolvimento na questão irlandesa, o que faz esses capítulos finais parecer repetitivos.

O presente trabalho vai focar na primeira parte da obra intitulada: O Congo – mais especificamente nos capítulos pares: II, IV, VI – em que a personagem encontra-se em território africano e o autor busca detalhar as viagens, experiências e impressões de Roger Casement empenhado em denunciar a barbárie que pairava sobre o Congo de Leopoldo II.

⁴ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 114

Casement para Vargas Llosa é “um herói humano, demasiado humano”⁵. O autor peruano descobriu Casement ao ler sobre ele na biografia de Joseph Conrad: “O personagem me pareceu tão fascinante que comecei a tomar nota sobre ele até que me dei conta de que já estava trabalhando em um novo romance sem me haver proposto a isso”⁶.

Roger Casement nasceu em 1º de setembro de 1864 – filho de um capitão que serviu por distinção por oito anos no terceiro regimento de Dragões Ligeiros na Índia. Seu pai era protestante e de família pró-britânica. Durante sua infância:

“O que realmente lhe interessava nessa época eram as histórias que o capitão Casement, quando estava de bom humor, contava a ele e aos irmãos. Histórias da Índia e do Afeganistão, sobretudo suas batalhas contra os afegãos e os siques. Aqueles nomes e paisagens exóticos, aquelas viagens atravessando selvas e montanhas que escondiam tesouros, feras, animálias, povos antiquíssimos de estranhos costumes, deuses bárbaros, tudo isso disparava a sua imaginação. Seus irmãos, às vezes, se cansavam daqueles relatos, mas o pequeno Roger poderia ficar dias e dias ouvindo as aventuras do pai nas remotas fronteiras do Império.”⁷

A pesquisa de Vargas Llosa sobre Casement incluiu visitas à Irlanda e à República Democrática do Congo. Apesar da riqueza de informações, o autor deixa claro que não se trata de um relato histórico, mas sim de um romance. Ele ressalta que havia muito o que inventar em torno de Casement, já que há poucas informações sobre ele. Conforme Roger Rum Rill⁸, “O sonho do celta não se trata de um livro de história, e sim um romance cheio de dados históricos, é uma combinação entre história e ficção”.

“escrever um romance histórico é uma grande aventura mas também pode ser explorar a atualidade. A atualidade é mais difícil pois é mais escorregadia, você não tem perspectiva, a possibilidade de confundir os substantivos e os adjetivos é muito maior na atualidade.”⁹

⁵ COSTA, Simone. As contradições de um herói. Resenha publicada em 29/04/2011 – acessada em 10/08/2012 em <http://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/tag/roger-casement/>.

⁶ CARDOSO, João Batista. Um mapa da história sobre o mapa da ficção. UCG, 2009. p. 65.

⁷ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 18

⁸ Jornalista e escritor peruano lembrado por Vargas Llosa nos agradecimentos pg. 389 de “O Sonho do celta”

⁹ LLOSA, Mario Vargas. Entrevista Roda viva exibida dia 13/05/2013.

Para a construção do personagem Roger Casement, Llosa vasculha seus diários, relatórios, correspondências e periódicos da época de prisão do irlandês. Conforme Edward Said, a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie – acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras¹⁰.

No segundo capítulo da obra de Llosa, o escritor resgata as origens do personagem – filho mais novo de Anne Jephson e Roger Casement. Relata a morte do casal 1873 e 1876, respectivamente. E descreve, através da literatura, o impacto da morte de sua mãe sobre Roger Casement:

“Quando a mãe morreu, em 1873, Roger tinha nove anos. (...) Ao contrário de Nina, Charles e Tom, que derramaram muitas lágrimas durante o enterro de Anne Jephson, Roger não chorou uma só vez. (...) Durante muitos dias ele não conseguiu dizer uma só frase, como se tivesse ficado mudo. (...) Desde então, e pelo resto da vida, de vez em quando a figura de Ane Jephson viria visitá-lo nos seus sonhos, com um sorriso convidativo, abrindo os braços, entre os quais ia se acomodar, protegido e feliz com aqueles dedos afilados em sua cabeça, nas costas, nas bochechas, uma sensação que parecia defendê-lo das maldades do mundo.”¹¹

Com a morte dos pais Casement passa a morar com a tia materna Grace e seu esposo Edward Bannister em Liverpool, na Inglaterra. Seu tio trabalhava para a *Cia. Mercante Eder Dempster Line* – empresa que transportava cargas e passageiros entre a Grã-Bretanha e a África Ocidental. Foi o tio Edward quem passou a narrar histórias da África – um continente cuja simples menção enchia a cabeça de Roger com feras, aventuras e homens intrépidos:

“Graças ao tio Edward Bannister, ouviu falar pela primeira vez do doutor David Livingstone, o médico e evangelista escocês que explorava o continente africano havia anos, percorrendo os rios como o Zambeze e o Shire, batizando montanhas, paragens

¹⁰ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 40

¹¹ LLOSA, Mario Vargas. *O sonho do celta*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 19.

desconhecidas e levando o cristianismo às tribos selvagens. Ele foi o primeiro europeu a cruzar a África de costa a costa, o primeiro a percorrer o deserto do Kalahari, e se transformou no herói mais popular do Império britânico. Roger sonhava com ele, lia os folhetos que descreviam as suas proezas e ansiava participar das suas expedições, enfrentar os perigos ao seu lado, ajudá-lo a levar a religião cristã àqueles pagãos que ainda não tinham saído da Idade da Pedra. Quando o doutor Livingstone, buscando a nascente do Nilo, foi engolido pelas selvas africanas e desapareceu, Roger tinha dois anos. Quando em 1872, outro aventureiro e explorador lendário, Henry Morton Stanley, jornalista de origem galesa contratado por um jornal de Nova York, emergiu da selva anunciando ao mundo que tinha encontrado vivo o doutor Livingstone, ele estava fazendo oito. O menino viveu essa história romanesca com assombro e inveja. E quando, um ano depois, se soube que o doutor Livingstone, que nunca mais quis deixar o solo africano nem voltar para a Inglaterra, faleceu, Roger sentiu que havia perdido um familiar muito querido. Quando crescesse, ele também seria um explorador, como esses titãs, Livingstone e Stanley, que estavam ampliando as fronteiras do Ocidente e vivendo vidas tão extraordinárias.”¹²

Aqui o leitor pode verificar a imaginação de Vargas Llosa, capaz de criar sentimentos e aspectos da personalidade e concepções dos nativos do Congo por Roger Casement. Adiante Llosa Llosa descreve em detalhes como Henry Morton Stanley, enviado por Leopoldo II da Bélgica para explorar o Congo. Conforme o romance, aos quinze anos Roger Casement passou a exercer a função de aprendiz na companhia mercante que seu tio trabalhava:

“Sua paixão pela África e seu esforço para se firmar na companhia o levaram a ler com cuidado, fazendo mil anotações, os folhetos e publicações que circulavam no escritório relacionados com o comércio marítimo entre o Império Britânico e a África Ocidental. Depois, repetia convicto as ideias que impregnavam esses textos. Levar os produtos europeus à África e importar as matérias-primas que o solo africano produzia era, mais que uma operação mercantil, uma iniciativa em prol do progresso de povos parados na pré-história, imersos no canibalismo e no tráfico de escravos. O comércio levava para a região, a moral, a lei, os valores da Europa moderna, culta, livre e democrática, num progresso que acabaria por transformar os

¹² LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 22 e 23.

desaventurados das tribos em homens e mulheres do nosso tempo.”¹³

Para os europeus, era necessário abrir o comércio direto para os produtos africanos e os manufaturados europeus. Houve, nos fins do século XIX, uma intensificação da corrida por esferas de influência no território africano, originada pela disputa entre capitalistas europeus e Estados africanos como Ashanti, Benin e N'gola que controlavam as exportações de produtos como óleo de palma, amendoim, algodão, ouro, marfim e borracha¹⁴.

Quando tinha vinte anos Roger Casement, no período em que trabalhou na *Eder Dempster Line*, fez três viagens à África Ocidental no SS Bounny. Após a terceira viagem o entusiasmo o levou a pedir demissão do emprego e anunciar aos seus irmãos, tios e primos que decidira ir para a África:

“Deu essa notícia de forma exaltada e, conforme lhe disse seu tio Edward, 'como aqueles cruzados que partiam em direção ao Oriente, na Idade Média, para libertar Jerusalém'.”¹⁵

Casement passou mais de vinte anos de sua vida na África, especialmente no Congo. Nos capítulos IV e VI de “O sonho do Celta” Llosa descreve com maestria as viagens de Roger no coração do continente africano. Para a antropóloga Paola Arana: o mais importante do livro é a capacidade de abordar o fenômeno do colonialismo europeu em três regiões de diferente circunscrição geográfica: Congo, Putumayo e Irlanda:

“o leitor pode entender a magnitude das ideologias e estratégias político-econômicas utilizadas pelas elites européias para exercer domínio colonial planetário início do século XX.”¹⁶

Entre as estratégias utilizadas Arana destaca a capacitação de empresas para a exploração maciça de recursos e mão de obra nas regiões de fronteira, que se caracteriza pela escassez da administração pública. A primeira expedição de Casement em território africano aconteceu em 1884 sob o comando de seu herói de juventude

¹³ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 24.

¹⁴ RIBEIRO, Luiz Dario. Breve História da África. Porto Alegre: Leitura XXI: 2007.

¹⁵ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 24.

¹⁶ ARANA, Paola Vargas. El sueño del celta. Nómadas, Bogotá, v. 34, p. 275, abril. 2011.

Henry Morton Stanley. Conforme o romance – a finalidade aparente dessa expedição em que Roger deu seus primeiros passos como explorador:

“...era preparar as comunidades espalhadas nas margens do Alto, Médio e Baixo Congo, ao longo de milhares de quilômetros de selvas espessas, bocainas, cachoeiras e morros com vegetação densa, para a chegada dos comerciantes e administradores europeus que a Associação Internacional do Congo (AIC), presidida por Leopoldo II, iria trazer quando as potências ocidentais lhe dessem a concessão.”¹⁷

Através de assinaturas de contratos os chefes e feiticeiros das tribos africanas se comprometiam a fornecer mão de obra, alojamento, guia e sustento para os funcionários, representantes e empregados da AIC nos trabalhos que desenvolvessem para atingir os objetivos que aspiravam:

“Eles assinavam fazendo um xis, riscos, manchinhas desenhos, sem reclamar e sem saber o que estavam assinando nem o que era assinar, divertidos com os colares, pulseiras e enfeites de vidro pintado que recebiam e com os goles de aguardente que Stanley oferecia para brindar o acordo.”¹⁸

Stanley começou a exploração do rio Congo em 1871 e abriu o caminho para o colonialismo da África no século XX. Quando as potências europeias se reuniram para partilhar a África na Conferência de Berlim, Stanley obteve centenas de contratos em favor de Leopoldo II no Congo¹⁹.

Vargas Llosa entre novembro e dezembro de 2008 – período em que produzia o romance em questão – escreveu para o periódico espanhol *El País* três artigos para sua coluna quinzenal que nos dá uma percepção geral de elementos que o leva a reconstituir a trajetória do explorador Stanley e do rei belga Leopoldo II. Conforme Llosa, “Stanley se convirtió en un instrumento neurálgico de las ambiciones coloniales del soberano belga”. Foi o explorador quem ajudou a lançar as bases do Estado Livre do Congo, auxiliando na construção de estradas, na colocação dos trilhos da estrada de ferro entre Kinshasa e Boma e coletando as assinaturas de "contratos" com os chefes dos povos do grande rio em que cederam suas terras para o monarca belga, além de se

¹⁷ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 35.

¹⁸ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 36.

¹⁹ ARANA, Paola Vargas. El sueño del celta. Nómadas, Bogotá, v. 34, p. 276, abril. 2011.

comprometerem a fornecer homens para trabalhar em obras públicas e na extração de borracha, peles e marfim. Entre todos os sistemas coloniais europeus montados na África, o Congo era o mais desumano: o primeiro genocídio do século XX²⁰. Conforme Igor Castellano da Silva:

“Desde o início da exploração da colônia, Leopoldo se valeu do trabalho forçado para a construção de infraestrutura e o estabelecimento da segurança – fundamentais para que houvesse exploração econômica. A principal obra de Leopoldo foi a construção de ferrovia de bitola estreita que ia de Matadi a Stanley Pool, ao longo das grandes quedas do Rio Congo.”²¹

Roger Casement - fonte de inspiração de Llosa e protagonista da obra em questão - chegou a conclusão de que o herói de sua infância e juventude era um dos trapaceiros mais inescrupulosos que o Ocidente excretou sobre o continente africano:

“Roger lamentou pelo resto da vida (...) ter passado seus primeiros oito anos na África trabalhando, como um peão num jogo de xadrez, pela construção do Estado Independente do Congo e investido nisso seu tempo, sua saúde, seus esforços seu idealismo, julgando que desse modo agia com um intuito filantrópico.”²²

O irlandês atuou com Stanley entre 1881 até 1884 – quando chegou a África os destacamentos avançados de Leopoldo II começavam a se internar no território congolês e a retirar os primeiros marfins, peles e cestos de borracha. Entre 1886 a 1888 atuou ao lado de Henry Shelton Sanford²³, nas estações e entrepostos recém instalados ao longo da rota das caravanas:

“Ele não passava de uma minúscula peça da gigantesca máquina que havia começado a ganhar corpo sem que ninguém, com exceção do seu astuto criador e um grupo íntimo de colaboradores, soubesse em que consistiria.”²⁴

²⁰ LLOSA, Mário Vargas. Stanley por los suelos, El pais, Madri, nov. 2008. Disponível na Word Wide Web: <http://elpais.com/diario/2008/11/16/opinion/1226790012_850215.html>

²¹ SILVA, Igor Castellano. Congo – A guerra mundial africana. Porto Alegre: leitura XXI: 2012. p. 76.

²² LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 44.

²³ Henry Shelton Sanford – foi um dos primeiros concessionários no Estado Livre do Congo, havia sido agente e conselheiro de Leopoldo II junto ao governo dos EUA e peça chave para que as grande potências cedessem o Congo ao monarca belga.

²⁴ LLOSA, Mario Vargas. O sonho do celta. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. p. 44.

Para Arana, Llosa expõe e descreve no romance quatro táticas usadas para que essa gigantesca máquina funcionasse²⁵: a capacitação das empresas para a exploração maciça de recursos e mão de obra nas regiões exploradas, que se caracteriza pela escassez da administração pública; a criação de exércitos de intermediários nativos, compostos por crianças arrancadas de suas mães ou provenientes dos estupros em massa realizadas por funcionários das empresas ou pelos colonialistas. Estas crianças foram criadas longe de suas famílias, em um estado de alienação cultural total e muito jovens foram ensinados sob o uso de armas e do chicote; a terceira estratégia consistia na assinatura de contratos e concessões territoriais por parte das empresas do Congo; por fim, a última estratégia estrutural pelo colonialismo europeu do século XX foi genocídio. Roger Casement presenciou as quatro e, após ser nomeado cônsul britânico em 1900, passou a visitar aldeias africanas para verificar o quanto havia de verdade nas acusações de crueldades contra os nativos nas áreas de seringais espalhadas em Londres por algumas igrejas e principalmente pelo jornalista Edmund D. Morel: “que parecia dedicar a sua vida a criticar Leopoldo II e o estado independente do Congo”.²⁶

O capítulo VI de *O Sonho do Celta* – último capítulo do livro que se passa na África – tem início em 5 de junho de 1903, data em que Roger Casement parte de Matadi, Congo através da Ferrovia construída por Stanley – numa viagem que dura três meses e dez dias e tem como objetivo levantar dados e informações para a elaboração do relatório que mais tarde seria entregue ao império britânico denunciando o horror e a barbárie instaurados no Estado Independente do Congo.

“Roger ficou surpreso ao ver a paisagem despovoada, constatar que aldeias como Tumba, onde passou a noite, e as que salpicavam o vales de Nsele e Ndolo, que antes fervilhavam de gente, estavam semidesertas, com velhos fantasmal arrastando os pés no meio da poeira, ou acorados contra um tronco, de olhos fechados, como se estivessem mortos ou dormindo.”²⁷

Nesse período Casement muda sua maneira de ser e para Vargas Llosa essa viagem o transforma em outro homem, mais lúcido e realista que antes em relação ao Congo, à África, aos seres humanos, ao colonialismo, à Irlanda e à vida.

²⁵ ARANA, Paola Vargas. *El sueño del celta*. Nómadas, Bogotá, v. 34, abril. 2011.

²⁶ LLOSA, Mario Vargas. *O sonho do celta*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010.

²⁷ LLOSA, Mario Vargas. *O sonho do celta*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. Pg. 72

Durante a viagem que leva o personagem a Leopoldville para fazer um informe sobre os abusos que ocorriam no Congo. Ali teve contato com nativos mutilados. Casement recolhia e buscava informações sobre o tratamento dado aos nativos que pouco a pouco começaram a fazer queixas e apresentar os problemas. O capítulo descreve com precisão e riqueza de detalhes as aldeias que Casement conheceu, as pessoas com quem conversou, os homens, mulheres e crianças que encontrou em condições deploráveis. Em 4 de dezembro de 1903 Casement começou a escrever o relatório que foi publicado no início de 1904.

“A publicação de seu relatório pelo governo britânico tivera uma repercussão enorme na imprensa, no Parlamento, na classe política e na opinião pública. Os ataques que recebia na Bélgica das publicações oficiais e de redatores ingleses propagandistas de Leopoldo II só serviram para fortalecer sua imagem de grande lutador humanitário e justiceiro.”²⁸

O *Sonho do Celta* pode ser classificado como um romance histórico, já que a trajetória de um nacionalista irlandês. Llosa o classifica como uma obra ficcional e adverte: “a diferença entre uma ficção, uma reportagem jornalística ou um livro de história se trata do quanto se aproxima com o real: a noção de verdade ou mentira funciona de maneira distinta em cada caso.”²⁹

²⁸ LLOSA, Mario Vargas. *O sonho do celta*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010. Pg. 105

²⁹ LLOSA, Mário Vargas. *A verdade das mentiras*. São Paulo: Ed. ARX, 2003. p 10.

Considerações finais

O historiador Elikia M'Bokolo afirma, no documentário *White King, Red Rubber, Black Death*¹ que, nos primeiros quarenta anos de domínio belga, dez milhões de congoleses foram dizimados, o que corresponde ao extermínio de metade da população que lá havia antes da chegada dos europeus. A dominação e o regime empregado por Leopoldo II para a ocupação do Congo durante o período colonização faz desse monarca o responsável por um dos casos mais graves de crimes da história contra a humanidade².

“Leopoldo II foi uma indecência humana: porém culta, inteligente e criativa, Planejou sua operação congoleza como uma grande empresa econômico-política, destinada a fazer dele um monarca que seria ao mesmo tempo um poderosíssimo homem de negócios, dotado de uma fortuna e de uma estrutura industrial e comercial tão vasta que lhe permitiriam influir na vida política e econômica e no desenvolvimento do resto do mundo.”³

Tamanha atrocidade pode ser analisada através da literatura uma vez que romances podem constituir relatos completos e autênticos da experiência humana dessa forma tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações⁴. Dessa forma o *Coração das trevas* e o *Sonho do Celta* constituem de boas fontes literárias para a interpretação do passado - ambos utilizam a África como um antítese da Europa (ou do Ocidente) na construção de seus enredos. Tanto na ficção de Conrad como na de Llosa (em partes), as localidades da ação dos romances são situadas no território africano. No coração da África - no processo de colonização tornou-se propriedade privada do rei belga Leopoldo II e, mais tarde, colônia da Bélgica.

¹ <http://www.youtube.com/watch?v=paPL5VyU9I> acessado em 7/9/2013.

² SILVA, Igor Castellano. Congo – A guerra mundial africana. Porto Alegre: leitura XXI: 2012.

³ LLOSA, Mário Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: Ed. ARX, 2003. p 32.

⁴ AQUINO, Ivânia Campigotto. A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense. Passo Fundo: Ed. UPF. 2007. p 33.

As obras de Llosa e de Conrad constituem, nesse sentido, fontes de singular importância, pois o primeiro compreende a lógica e funcionamento do imperialismo que, de alguma forma, torna-se uma voz anticolonialista no seu tempo e espaço; quer dizer, o fato de Conrad ter sido protagonista do processo sobre o qual escreve, confere, ao *Coração das trevas*, um grau de complexidade e qualidade que o redimensiona como registro de seu tempo. O segundo reconstitui em forma de romance a trajetória de uma dos maiores críticos de Leopoldo II, Roger Casement – cônsul britânico que ao lado do jornalista Edmund Morel compuseram o que pode ter sido o primeiro grande movimento em defesa dos direitos humanos em favor da África. Conforme foi possível observar nesse trabalho, história e literatura são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão. Logo, torna-se pertinente o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado.

Conrad, mesmo podendo enxergar com clareza que o imperialismo, em certo nível consistia essencialmente em pura dominação e ocupação de territórios, possui uma limitação: ele não conseguia concluir que o imperialismo teria de terminar para que os “nativos” pudessem ter uma vida livre da dominação europeia. Como indivíduo de seu tempo, Conrad não podia admitir a liberdade para os nativos, apesar de suas sérias críticas ao imperialismo que os escravizava.

Assim como Conrad, Roger Casement também conseguiu vislumbrar as atrocidades do imperialismo. E da mesma forma que o escritor de *Coração das trevas*, Casement, mesmo tendo se tornado um crítico ao regime implantado nas selvas africanas não conseguia imaginar um universo sem a relação entre colonizador e colonizado. Fato que Vargas Llosa ignorou para a construção do romance. A partir de uma aproximação de alguns escritos realizados por Roger Casement e de ensaios e artigos sobre o tema percebemos que o personagem teria defendido a iniciativa colonialista europeia no sul do planeta, pois confiava na introdução do cristianismo e a infraestrutura ocidental como estratégias que conduziriam os “povos atrasados” para a civilização. Roger Casement estava de acordo com a ideologia do colonialismo conforme artigo intitulado “The Putumayo Indians”, escrito e publicado por Casement em 1912, que exibem sua fé na ideia do “verdadeiro homem branco” como provedor por excelência da proteção e guia que necessitavam as populações nativas. Llosa –

escritor – optou pela construção de um herói sem defeitos, optou pela idealização de um herói omitindo assim de fatos reais uma vez que diferente da narrativa histórica, os textos literários tem essa liberdade. Como o próprio Llosa afirma em seu livro de ensaios sobre literatura: “os romances mentem – não podem fazer outra coisa – entretanto essa é só uma parte da história. A outra, é que mentindo, expressam uma curiosa verdade, que só pode expressar – se dissimulada e encoberta, disfarçada do que não é.” A verdade de um romance depende de sua própria capacidade de persuasão, da força comunicativa de sua fantasia, da habilidade de sua magia, dizer a verdade para um romance significa fazer o leitor viver uma ilusão.

Referências bibliográficas

fontes

CONRAD, Joseph, *Coração das trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LLOSA, Mário Vargas, *O sonho do celta*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2010.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Ivânia Campigotto. *A representação da etnia alemã no romance sul-riograndense*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2007.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CARDOSO, João Batista. *Um mapa da história sobre o mapa da ficção*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2009.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Ed. UNB, 1994.

CHIAPPINI, Lígia e AGUIAR, Flávio Wolf (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993

DIMAS, Antônio; LENHARDT, Jacques, PESAVENTO, Sandra (orgs.). *Reinventar o Brasil – Gilberto Freyre entre a história e a ficção*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre distância*. São Paulo: Cia das letras, 1998.

GONÇALVES, Robson Pereira (organizador). *O tempo e o vento: 50 anos*. Santa Maria: editora UFSM, 2000.

GUAZZELLI, César Augusto. *Fatos que realmente aconteceram? Considerações sobre história e literatura*. In.: *História e Ideologia: perspectivas de debates*. Porto Alegre: Ed. Da UPF, p. 369-384, 2009.

LAILOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro; Francisco Alves editora, 1976.

LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). Discurso histórico e narrativa literária. Campinas: editora da UNICAMP, 1998.

LLOSA, Mario Vargas. A verdade das mentiras. São Paulo: ARX, 2003.

LIMA, Luiz Costa. História, ficção, Literatura. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

PESAVENTO. Sandra (org.). Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: editora da universidade, 2000.

SAID, Eduard. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo : Cia das Letras, 2007.

SAID, Eduard. Cultura e imperialismo. São Paulo : Cia das Letras, 2011

SILVA, Igor Castellano. Congo: a guerra mundial africana. Porto Alegre: leitura XXI, 2012.

UZOIGWE, Godfrey N. In: BOAHEN, A. Adu (coord.). História Geral da África – Volume VII. “CA P I T U LO 2: Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral”. Brasília: UNESCO (2010), pp. 21-50.

VISENTNI, Paulo G. Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. Breve história da África. Porto Alegre: leitura XXI, 2007.

Dissertações:

CAVALCANTE, Moema. Na fronteira do mito e da realidade: o gaúcho na ficção romântica. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Porto alegre, 1982.

FREITAS, Renata Dal Sasso. Páginas do novo mundo: um estudo comparativo entre a ficção de José de Alencar e James Fenimore Cooper na formação dos estados nacionais brasileiro e norte-americano no século XIX. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. IFCH. Porto Alegre, 2008.

GOMES, Carla Renata Antunes. De Rio-Grandense a gaúcho: o triunfo do avesso um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877). Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. IFCH. Porto Alegre, 2006.

